

## MARIA NADIR DOS SANTOS: A VOZ DA MUSSUCA, O ECOAR DE UM CANTO ANCESTRAL

---



Foto: Osvaldice Conceição.

Referência nas tradições afrodiáspóricas sergipanas, a mestra brincante Maria Nadir dos Santos compartilha conosco sua trajetória de amor, resistência, estratégia e luta, como realizadora e fomentadora dos grupos culturais da Mussuca.

Por Osvaldice de Jesus Conceição<sup>1</sup>

Maria Nadir dos Santos nasceu e reside até os dias atuais na Mussuca, comunidade quilombola da cidade de Laranjeiras (SE). Marisqueira, trabalhadora rural, doméstica, brincante, cantora, compositora, fomentadora cultural e mestra de tradições afrodiáspóricas, dona Nadir reúne habilidades que revelam sua personalidade forte e sua singularidade artística, qualidades que a tornaram uma das mestras das culturas afropopulares brasileiras mais conhecidas do estado sergipano.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Artes da Cena na Unicamp. Licenciada em Teatro pela UFBA e mestra em Artes da Cena pela Unicamp. Atua na coordenação do GT O Afro nas Artes Cênicas da ABRACE (gestão 2024-2025).

Sua irreverência, destreza e vitalidade no palco refletem a mulher forte de uma vida inteira. Em certa medida, seu modo de vida lhe proporcionou condicionamento para os palcos, uma vez que, ao longo de muitos anos, dona Nadir conciliou as apresentações culturais com os trabalhos braçais que precisava realizar para seu sustento e o sustento de seus dez filhos. Sua disposição física e fôlego para cantar, tocar ganzá e sambar simultaneamente sempre chamou a atenção do seu público.

Aos 77 anos de idade, dona Nadir é uma das mestras atuantes de folgedos mais antigas de Sergipe. No entanto, seus joelhos já não são os mesmos de alguns anos atrás, devido a problemas de saúde mencionados por ela. Atualmente a mestra necessita do suporte de uma bengala para realizar as apresentações, o que compromete sua performance, mas não abala a maestria do seu cantar, que continua ecoando e encantando seu público. Dona Nadir se mantém firme e não abdica do seu lugar de cantora principal das tradições culturais da Mussuca.

A trajetória de dona Nadir vem de longe. Ela nos contou que seu amor pelas tradições culturais da Mussuca começou quando ainda era criança e acompanhava seus pais e avós nos festejos juninos. Desde então, foi adquirindo conhecimento das tradições observando os/as brincantes mais experientes, em especial seu pai, José Paulino dos Santos, de quem afirma ter herdado o talento para cantar e a liderança dos grupos, pois ele foi mestre e líder de uma das tradições mais antigas da Mussuca: o São Gonçalo do Amarante.

Dona Nadir é portadora de um conhecimento geracional centenário, que foi adquirido no âmbito familiar e comunitário. Segundo a mestra, a população que reside na comunidade da Mussuca é formada em sua maioria por famílias com graus de parentesco consanguíneos. Esse fato pode ter contribuído para o fortalecimento e a manutenção das suas tradições culturais, uma vez que são descendentes dos mestres e das mestras africanos/as que ali residiram.

A voz potente e inconfundível da cantora brincante Maria Nadir ecoa um canto ancestral polifônico: um canto que reverbera várias vozes, da sua família, do seu povo e do “lugar de preto mais preto”, como é popularmente conhecida a Mussuca. Seu cantar é singular por ser plural, e traduz um legado secular de um povo negro africano e afrodiaspórico.

A trajetória de vida e o talento artístico de dona Nadir despertaram e despertam o interesse de muitas pessoas de outros estados brasileiros que foram e ainda vão a Mussuca à sua procura, com intuito de registrar e difundir um pouco do seu trabalho e da sua história. Em períodos festivos da Mussuca, e/ou de Laranjeiras, a atenção da mestra Nadir é disputada

por visitantes, artistas pesquisadores/as que chegam de toda parte do país para conhecer, conviver e prestigiar a “Rainha da Mussuca”.

Assim, no ano de 2007, começou minha relação com a mestra dona Nadir. Um amigo goiano que conheci em São Paulo me falou do trabalho e do talento da mestra. Então, motivada pelo meu interesse em vivenciar e pesquisar culturas populares afrodiáspóricas, viajei de Salvador (BA) para Laranjeiras (SE) à sua procura, e a encontrei. Sua popularidade me levou facilmente à comunidade da Mussuca, onde fui muito bem recebida por ela e por todos e todas que ali residem.

Era janeiro e, para minha sorte, estava ocorrendo o Encontro Cultural de Laranjeiras. Um evento anual realizado pela prefeitura e pela Secretaria de Cultura da referida cidade, há mais de quatro décadas. Nesse evento, era e é possível contemplar apresentações gratuitas de diversos grupos culturais afrodiáspóricos de Sergipe e de outros estados brasileiros.

No Encontro Cultural de Laranjeiras, tive a oportunidade de assistir e acompanhar dona Nadir e os grupos culturais da Mussuca em várias apresentações. Participei do evento em outras edições como palestrante e também me apresentei com um espetáculo de teatro de rua da minha Companhia de Teatro Popular Cirandarte. Mas meu maior interesse mesmo era acompanhar a mestra.

Meu encantamento pelo canto e pela performance de dona Nadir foi imediato. Ela me recebeu em sua casa e se tornou, além de uma das minhas principais referências da cultura afropopular, uma amiga pessoal, com a qual já participei de palestras, cursos, *shows* e diversas rodas de samba. A nossa relação e convivência deu origem à minha dissertação de mestrado, intitulada: *A polifonia na memória como potência da oralidade: o canto de D. Nadir, o relato de uma trajetória* (Conceição, 2014).

Além da minha pesquisa, existem outros registros sobre a performance de Nadir e as tradições culturais da Mussuca/Laranjeiras em entrevistas, artigos, livros, vídeos, documentários, revistas, jornais, *sites*, entre outras plataformas e meios de comunicação, realizados por pessoas de diversas partes do país, a exemplo do artista brincante multidisciplinar Antônio Nóbrega, que incluiu dona Nadir e as tradições de que ela participa em um dos seus vídeos documentários sobre as culturas populares brasileiras. O reconhecimento e a admiração pelo trabalho de dona Nadir ultrapassaram fronteiras.

A mestra dona Nadir viajou e viaja por vários estados brasileiros para realizar apresentações e palestras sobre a cultura da Mussuca. Ela, que também é fomentadora, difusora e educadora cultural, tornou-se uma

das principais representantes da cultura afropopular sergipana. Dona de uma voz potente e de uma oratória repleta de conhecimento, dona Nadir exerce em sua comunidade um trabalho de resgate e manutenção de grupos de culturas populares e realiza trabalhos com crianças do seu grupo de reisado.

Sem dúvida, a mestra dona Nadir é uma agente cultural, uma mantenedora e militante da cultura afropopular sergipana, uma baluarte que muito tem a nos ensinar, e por essa razão compartilhamos um pouco da sua história e do seu conhecimento através da entrevista a seguir.

Na Mussuca eu nasci

Na Mussuca eu me criei

Com o samba de parea

Na Mussuca eu morrerei

(Composição de dona Nadir.)

### **Quem é a mestra Maria Nadir dos Santos? Por favor, nos conte um pouco da sua história de vida.**

Minha filha, eu passei muito contigimento pra sobreviver. Trabalhei muito na Maré pá criar meus fio. Aí, o casamento, foi um casamento pra mim, que nunca existiu, porque do sofrimento que eu passei para criar meus 10 fios na Maré, todo dia, para pegar comida pra alimentar meus fio e vender, pra comprar outros alimentos. Mas só que eu nunca abaixei a cabeça para meu ex-marido, porque eu nunca dependi dele. Porque eu trabalhava na Maré para manter meus fio. E os meus fios, quando cresceu, tomém me ajudava muito, porque eles ia pros mato tirá licuri, ginipapo, goiaba, cajá, pra podê vender dia de sábado para nós sobreviver. Então... só nunca passei fome. Mas outras coisas eu passei, muito constigimento, noite sem dormir... Não pensava coisas boas, só pensava coisas ruins, porque eu não aguentava mais o que eu estava passando com meu ex-marido. Então, foi a hora que a gente se separou, foi que eu tive paz até hoje. Hoje a minha vida, graças a Deus, vai boa. Estou com o meu grupo em dias. Toda semana nós estamos saino. E a minha vida, sobre a cultura, está muito boa. Não tenho problema nenhum. Fico muito feliz, estou muito feliz. Até hoje, estou atuando e só deixo de atuar quando eu morrer ou

então quando eu não puder mais. Mas a minha vida, graças a Deus, sobre a cultura, vai muito bem. Em nome de Deus, e Nossa Senhora Aparecida. Só tô com problema no joelho... E, apesar disso, sou uma mestra. E a minha vida vai muito bem. Em nome de Deus, Nossa Senhora da Aparecida e Divino Senhor dos Passos, que me dá força e coragem e paz e saúde.

### **Dona Nadir, como se deu seu aprendizado com as brincadeiras de que a senhora participa?**

É, eu aprendi nos grupos que eu participo, eu aprendi tudo com meu pai. Foi ele quem me ensinou eu participar da cultura. Comecei com 10 anos, estou com 77 e até hoje, graças a Deus, tou me sentindo muito bem, com o que meu pai me ensinou e o que eu aprendi em nome de Jesus e de meu pai. E... me sinto muito feliz, muito feliz com o que meu pai me ensinou. Não tive oportunidade de estudar, porque aqui não tinha escola. E... a, como é? A educação que ele me deu foi a cultura. Por isso que eu fico muito feliz com a educação que meu pai me deu e a cultura que ele me ensinou a viver e a atuar com a cultura, com o grupo São Gonçalo, Samba de Parelha e o Rezado. Sou muito feliz.

### **Além do seu pai, existiram outras pessoas com as quais a senhora aprendeu as tradições culturais da Mussuca?**

Eu aprendi com a minha avó Vitória, depois com a minha avó Maria Marta, e com a minha mãe, Maria Pureza, e com a esposa do meu tio, que se chama Dona Maria José, e com a esposa do meu outro tio também. Porque na época eu tinha 10 anos, fazia companhia pro meu pai, e ali elas que era mais velha do que eu, tinha idade de ser minha avó, então eu tudo aprendi com elas. Samba de parelha, e as múscas que meu pai fez, que meu pai fazia, e as múscas do grupo São Gonçalo, que é 12 músicas, e as 12 músicas todas eu a aprendi sei de có. As doze músicas só contavam quando era promessa. E quando era evento só contava três. E até hoje é isso, só contamos três músicas quando é pro evento. Agora, como era promessa, era doze múscas.

### **Quem foi seu José Paulino dos Santos e o que ele representa para a senhora?**

Quem foi meu pai? Foi um homem muito bom, muito respeitoso, considerava todo mundo. O trabalho dele era um trabalho muito excelente, de paz,

com muito amor, né? E era, assim, um pai que deu a educação principal os 10 fios dele, e principalmente a mim, porque eu fui a que se interessou mais pela cultura. Então, meu pai era um homem muito bom, muito caridoso, muito amigüero, não tinha problema com ninguém, ajudava as pessoas que não tinha condições, e era assim a vida de meu pai. Nunca teve inimigo, nem inimiga. Mesmo que alguém, assim, falasse alguma coisa pra atingir ele, mas ele não se incomodava, porque ele confiava muito em Deus e no trabalho dele. E era uma pessoa muito boa. Nunca fez mal a ninguém.

### **E como seu Paulino atuava na cultura?**

Meu pai, como mestre, atuava muito na Mussuca. Ele representava na Mussuca, representava Laranjeira, Riachuelo, Sergipe. Como mestre, a primeira representação que ele fez fora de Sergipe foi em Brasília. O primeiro grupo que foi representar fora de Sergipe foi o grupo São Gonçalo. O meu pai, que era o mestre e pratão no Grupo São Gonçalo. E nessa data pra cá foi quando começou o Encontro Cultural de Laranjeira.

### **Quem são as pessoas da comunidade da Mussuca que ajudam a senhora a manter as tradições da Mussuca?**

Nos passados, foi minha mãe, foi minha cunhada Gedalva, foi meu irmão Ranulfo, foi Maria José, foi minha cunhada Maria Lúcia, né? Foi Dona Dulce, foi Elisa que Deus já levou, foi a Cid que Deus também já levou, foi Du também que Deus já levou, foi Eugênia, foi Dona Neide, que ainda está viva, foi Dona Axeiro, que Deus já levou, foi Santinha também, que Deus já levou, Valdice, Ininha e Bade Caboclo, que ainda está vivo, mas não está participando mais no grupo. Essas pessoas da minha referência, que atuava no grupo, mais eu. A parte de homem, como eu já falei, foi o seu auxílio do meu irmão Mangueira. E no São Gonçalo foi meu irmão Ranulfo, Agostinho e o finado Nilde. E o finado Hermírio, que tocava no grupo São Gonçalo. Essas pessoas eram da minha referência. E o finado Epílio, que também era uma figura de São Gonçalo, que foi também minha referência, que era um homem muito educado, ele gostava muito de mim.

Hoje em dia as pessoa importante é meu irmão, Cormélia, Popóia, que é minha sobrinha, Cecé e Luzia e Thuy. Essas pessoas que eu tenho mais... considerações, referência sobre a cultura. Essas pessoa, principalmente meu irmão e a minha cunhada, né? E Maria José, que é a líder do grupo. Então essas pessoa para mim são especiais. Mas eu sou mais, né?

### **Quais são os grupos culturais de que a senhora participa?**

Os grupos que eu participo é, primeiramente, o samba de pareia adulto, depois o grupo São Gonçalo adulto, depois vem o samba de pareia mirim, depois vem o grupo São Gonçalo veterano, aí depois vem o grupo São Gonçalo mirim, e depois vem o rezado da Nadir. Esses grupos que eu... participo no encontro cultural. Que é a minha obrigação, porque eu sou a mestra, e mesmo quando eu não era mestra, eu continuava na mesma coisa, porque eu cantava para esses grupo todo. Quem puxava esses grupo era eu. E até hoje, quem puxa esses grupo para fazer representação sou eu. É seis grupos que eu represento no Encontro Cultural. Seis grupos que eu canto para esses grupos. Com muita paz, com muito amor, com muita cultura, com muita vida boa que Deus me dá.

### **Por favor, nos conte um pouco o que significa e como acontece cada uma dessas tradições.**

O grupo Samba de Pareia representa a Noite de São João nas festas junina, que foi começado Noite de São João para comemorar a festa de junina. Samba de pareia é as pisada. Tem que ser as pisada certa, que é o par. É... Quatro pessoas. Passa duas pra um lado e duas pra outro. Aí vai pra outro par. Passa duas pra lá e duas pra cá. O samba de pareia quando começou, era de mulé e homem, todo mundo sambava na época, dos casais



° (SE)

Apresentação de dona Nadir com o grupo Samba de Parelha adulto, no 37º Encontro Cultural de Laranjeiras (SE). Foto: Osvaldice Conceição.

E outra, e eu não sei quantos anos o samba de pareia foi feito, porque foi do tempo da escravidão, né? Que montou, criou o samba de pareia na Mussuca. Foi do tempo da escravidão, que eles fugia da fazenda e vinha pra Mussuca. Como a Mussuca é um lugar de negro, só tem negro, aí eles vinha se acampar aqui e o pessoal acolhia eles. E daí, na noite de São João, eles não tinha como sair pra cidade, que tinha medo de ser pego, aí formou o grupo Samba de Parelha, que antigamente só representava na Mussuca, e agora representa em todo lugar de Sergipe e do Brasil.

E o São Gonçalo era grupo de mulé, que foi um homem que chamava Gonçalo, que era muito rico, era de Portugal, né? Tinha muito navio. E ele via essas muleres se prostituindo pra ganhar o pão, né? Vendendo corpo. Aí ele fez esse grupo São Gonçalo de mulé, pra tirar elas daquela vida. Aí foi quando os escravos ganhou a carta de elforria, aí veio o Brasil. Aí quando chegou no Brasil, os escravos pegou essa cultura, que já tava liberado, e as



Apresentação de dona Nadir com o grupo São Gonçalo do Amarante adulto, no 37º Encontro Cultural de Laranjeiras (SE). Foto: Osvaldice Conceição.

O São Gonçalo festejava dia 16 de agosto, porque São Gonçalo era um

santo protetor, era não, ainda é, né? Que só brincava por promessa. Mas tinha os dias da manifestação dele, que era Sábado de Aleluia e Domingo da Ressurreição, quando era a festa daqui da Mussuca. E disse pra cá, quando começou o Encontro Cultural de Laranjeiras, aí o Grupo São Gonçalo foi representar no Encontro Cultural, o Grupo São Gonçalo e o Samba de Parelha.

E o rezado é um grupo em comemoração ao nascimento do menino Jesus. Porque quando o menino Jesus nasceu, aí foi comemorar o nascimento dele com o rezado. Eu regatei esse grupo aqui na Mussuca, por isso que tem o rezado da Nadir.

### **Como a senhora faz para ajudar a manter os grupos culturais de que participa?**

É do meu próprio esforço que eu faço pra manter o grupo esse tempo todo. Não é tudo que eles dá, porque eles não dá tudo que a gente merece. Então, pra eu não tá pedindo esse povo, aí eu mesmo me monto como Deus quiser. Com o meu esforço, pros grupos que eu participo. Porque, como eu já falei, o rezado esse tempo todo para se manter. Antigamente, quando tinha prefeito que apoiava a cultura, o prefeito era quem montava o grupo com roupa, sapato, chapéu. E agora, dá uns grupos e outros não. Como eu falei, o meu rezado quem monta quase tudo, a responsabilidade é minha. Roupa, até chinelo, chapéu, fita. A maioria das coisas eu sou responsável e ajudo com meu esforço, coragem, força e fé. Eu tenho muita força para manter os grupos. Porque eu confio muito em Deus. E Deus me dá muita força.

### **A senhora nos contou que não teve oportunidade de estudar, por isso não aprendeu a ler nem escrever, mas além de cantora, é compositora. Como a senhora faz para guardar as letras das músicas que canta e compõe?**

A minha cabeça. Primeiramente, Deus, que me dá força e coragem e coloca tudo na minha cabeça. Aí, como eu faço a musca, boto a letra, porque Deus que me dá o sinal, quem me dá o sinal é Deus. Então, eu sou cantora e compositora. Eu mesmo, da minha cabeça, da minha autoria, porque Deus me dá força e coragem para eu ser cantora e compositora e fazer musca, botar letra, sem precisar de ninguém. Eu mesmo. É por mim. O meu esforço e o meu saber e a minha inteligência.

### **Qual o papel que a senhora exerce nas manifestações culturais da Mussuca? O que a senhora representa para sua comunidade?**

O que eu represento aqui na Mussuca é muitas coisas. O que eu represento? Na minha comunidade quilombola. E o povo daqui tudo me dá apoio. Gosta de mim. Porque acha uma coisa muito engraçada do que eu sou. Então, o pessoal da Mussuca me dá muito apoio, porque sobre a cultura, eu boto a Mussuca pra frente, no Sergipe e fora do Sergipe. Então, o pessoal me dá muito apoio da minha atividade, e da minha cultura.

Eu acho assim, que pode ter alguma pessoa do grupo, aquela mulher mais velha da minha idade, que monta o grupo, mas não é como eu. Porque eu acho assim, que hoje em dia, nessa geração de agora, minha filha, é muito difícil a pessoa montar um grupo que nem eu monto. Eu acho que é muito difícil. E eu acho que não vai ficar ninguém no meu lugar, que faça o que eu faço.

### **Como mestra reconhecida em todo território sergipano, a senhora recebe algum recurso do governo?**

Graças a Deus, eu recebo a verba da cultura. E como eu sou conhecida em Sergipe, Brasil, e até fora do Brasil. Vem gente de fora, de outro país, fazer entrevista aqui comigo. E tudo que eu sei e está na minha memória, eu falo tudo sobre a cultura do quilombo, povoado da Mussuca, onde eu nasci e me criei.

### **Esse recurso contribuiu para o desenvolvimento do trabalho com os grupos?**

Sim. Esse custo que eu ganho do governo, eu ajudo o grupo, sim. Em qualquer ocasião, eu ajudo o grupo, porque eu quero o meu grupo mantido do jeito que eu quero. Então, eu ajudo com muito amor, com muita paz, com muito orgulho, ser o que eu sou.

Porque assim, o meu rezado mesmo tem muitos problemas para resolver, para se manter. Porque todo ano no encontro cultural, eu gasto do meu dinheiro para um grupo ir no Encontro Cultural. As minhas roupas, do meu grupo samba de parrelha, quem comprou? Eu. Chapéu, quem comprou? Eu. E o problema mais, o samba de parrelha também, às vezes como meninas não têm condição de comprar, mas porque às vezes a prefeitura dá, né? Mas a mim não, a minha roupa do meu samba de parrelha, tudo é comprado com meu dinheiro. E o do rezado também. Exclusivamente o rezado, esse ano, o ano passado, as minhas meninas não ganhou, roupa, então não seria adequado pra elas brincar. E foi

tanto que esse ano, tem que ganhar outra roupa, porque a que fez o ano passado não está dando mais, está tudo apertado. E a roupa que veio, a babadona e a cigana, foi uma roupa feia, que não dava pra fazer, pra Encontro Cultural, um encontro desse, tão maravilhoso, com aquela roupa. Aí ela foi com a roupa que ela tinha mesmo.

### **Como a senhora vê o interesse de pessoas de outros estados pela cultura da Mussuca?**

Olha, eu acho muito bom, é uma coisa interessante, porque eles vêm de fora de outro estado visitar a Mussuca para saber a cultura da Mussuca, que é uma cultura de origem, que é passando de geração, de gerações. É uma coisa assim, que o povo de fora vem para saber de todos os dados, de todos os passados da cultura da Mussuca. Eu acho assim, não é porque eu sou da Mussuca não, porque o pessoal acha que o que vem de fora da cultura mais popular brasileira e sergipana é a cultura da Mussuca. Porque, como eu já falei indagorinha, porque outros cantor, outras partes de cultura, tem cantor, tem tudo. Sabe ler, faz musca. E eu, faço musca pros grupos sem saber ler, nafabeta, é mais que o pessoal de fora vem procurar saber sobre isso. Quem é que escreve minha letra? Eu digo: quem escreve a minha letra é Jesus, minha cabeça e minha inteligência.

### **A senhora tem algum familiar ou algum parente que gostaria de ser mestre ou mestra dos grupos culturais como a senhora?**

Eu tenho uma bisneta que quer atuar, mas só que eu não vou mais assistir ela fazer o que eu faço, porque eu não vou atuar esse tempo todo. A bisneta vai fazer quatro anos. E ela está representando. Quando a gente vai fazer uma representação, ela vai cantar também mais eu, entendeu? Mas ela é muito pequena. E eu não sei que daqui até lá ela vai continuar comigo.

Eu tenho vontade e tenho interesse, mas quem não tem interesse são as pessoas. Entendeu? Eu tenho vontade, mas as pessoas não têm interesse. Eu queria deixar com uma filha minha ou uma neta, mas só que essas pessoas não têm interesse. Não faz o que eu faço. A minha família, os meus netos, os meus bisnetos, nenhum participa do samba de parêlha. Da minha família, quem participa do samba de parêlha só é o meu irmão Acriso, que ele bate o tambor, 45 anos, que ele bate o tambor do samba de parêlha. E eu tenho duas netas que participa do meu rezado, e duas sobrinhas. E do São Gonçalo, eu tenho dois sobrinhos e primo, parente do grupo São Gonçalo. E meu irmão também participou muito do grupo São

Gonçalo. Meu irmão e meu sobrinho, três sobrinhos que participa do grupo São Gonçalo, mas não quer ser mestre e mestra como eu.

### **Qual legado a senhora quer deixar para as próximas gerações?**

O conselho que eu dou os jove é pra eles não deixar a cultura morrer, a tradição da Mussuca morrer. E eu falo muito pra eles, tanto pros meninos e pras meninas, pra eles continuar na cultura, porque vai muito bem, e a cultura traz muita alegria, né? E a gente... eu que já tou dessa idade eu tenho muita alegria com tudo que eu aprendi na cultura. É esse conselho que eu dou pros jove. Exclusivamente no dia da cultura negra, que aqui teve um evento os alunos de Neilton e as alunas eu dei mutio conselho a eles, e eles disse que não ia perder e nem esquecer o que eu falei pra eles. Que eles ia continuar na cultura da Mussuca, pra preservar, pra passar de gerações pra gerações, como tiver da minha idade passar pra outros jovens e pra outras jovens.